

O homem que virou Maiakóvski

Em 1964, versos do brasileiro Eduardo Alves da Costa foram atribuídos ao poeta russo. O episódio o tornou famoso, mas criou uma maldição que, 50 anos depois, ainda esconde sua prosa

Luís Antônio Giron

Em meados de 1964, depois do golpe militar no Brasil, o poema “No caminho, com Maiakóvski” passou a ser declamado em protestos nas ruas, assembleias de estudantes e sindicatos. Seus versos simples e diretos foram usados como libelo contra a ditadura:

*Na primeira noite eles se aproximam
e roubam uma flor
do nosso jardim.*

E não dizemos nada.

*Na segunda noite, já não se escondem:
pisam as flores,*

matam nosso cão,

e não dizemos nada.

*Até que um dia, o mais frágil deles
entra sozinho em nossa casa,*

rouba-nos a luz e,

conhecendo nosso medo,

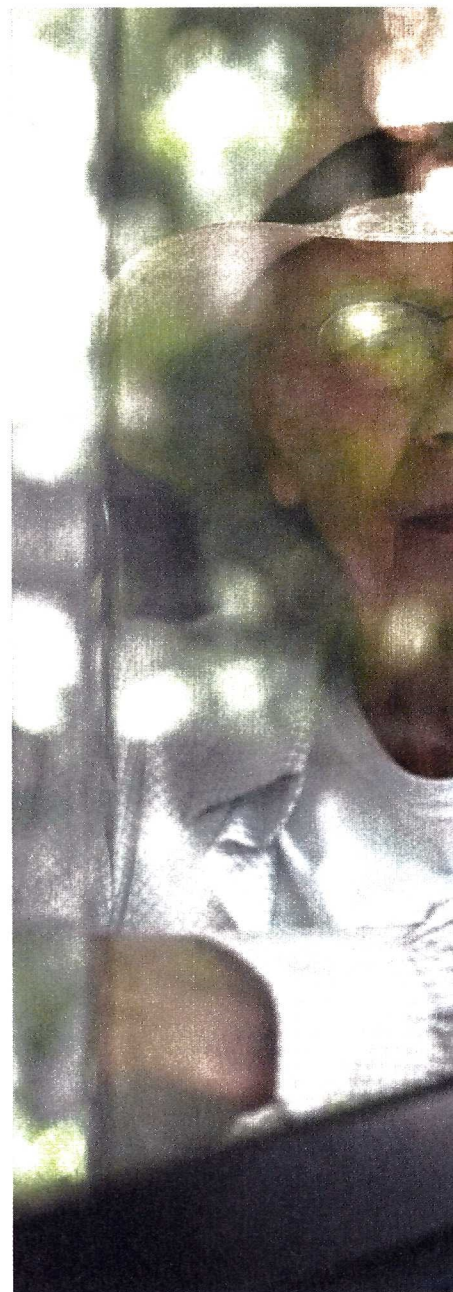
arranca-nos a voz da garganta.

Naquele tempo, como muito tempo depois, o poema foi atribuído ao escritor de vanguarda soviético Vladímir Maiakóvski (1893-1930). Os manifestantes imaginavam declamar uma tradução anônima de algum militante comunista. Na realidade, como revelariam reportagens nos 44 anos seguintes, o autor do poema era um

brasileiro: Eduardo Alves da Costa. Pouca gente acreditou nisso. Muitos preferiram acreditar que Costa não passava do tal tradutor comunista. A versão parecia mais bonita que o fato, e o poema – afinal – soava bom demais para ser brasileiro. Foi assim que Costa virou Maiakóvski.

“Eu tinha 27 anos, militava na esquerda e pensei em Maiakóvski quando escrevi o poema”, diz Costa, enquanto toma água mineral num café no bairro de Higienópolis, em São Paulo. “Estava sentado num banco na Praça da República, no centro de São Paulo, quando me veio a ideia. Imaginei uma conversa com o poeta que mais admirava. Fui para casa e passei o texto a limpo.” Logo os versos se popularizaram, até fora do Brasil. Ainda hoje, passados 50 anos, há pôsteres com traduções de “No caminho, com Maiakóvski” decorando paredes de cafés de Londres, Paris e Praga. Tornou-se um dos poemas brasileiros mais conhecidos no mundo. Comicamente, há críticos que afirmam tratar-se do poema mais importante da vanguarda soviética. Até hoje, Maiakóvski não foi totalmente desmascarado.

“Esse negócio de Maiakóvski foi uma maldição”, afirma Costa, com um



A JORNADA
O escritor Eduardo Alves da Costa num ônibus em São Paulo. Em *Tango, com violino*, ele conta as aventuras de um homem de 70 anos que vaga pela cidade ao acaso



sorriso resignado. “Ajudou a chamar a atenção para minha poesia, mas ocultou toda a minha obra.”

Costa não fez outro sucesso fora o poema, mesmo sendo um prosador hiperativo. Publicou quatro livros de poesia, três de contos, quatro romances e cinco peças de teatro. Aos 78 anos, ele volta a lançar uma obra literária, o romance *Tango, com violino* (Tordesilhas, 353 páginas, R\$ 42), uma mistura de “road story” com romance filosófico, ambientado em São Paulo. Seu protagonista, Abeliano, é um professor de história aposentado que, apesar de chegar aos 70 anos, se comporta como

um jovem rebelde. Mora num quarto de hotel no centro de São Paulo e, na falta de outro passatempo, toma ônibus ao acaso. Ali, topa com figuras banais e estranhas, enquanto faz uma crítica do mundo atual e reflete com ironia sobre envelhecer no século XXI. “O ônibus é o símbolo da transitoriedade da vida”, afirma Costa. É uma quase autobiografia, em terceira pessoa. “Certas situações e a maneira de sentir são minhas. Enfrento a terceira idade com alegria. Em geral, os livros sobre o tema trazem pessoas doentes, tristes ou deprimidas. Quis fugir disso. Abeliano não desiste de viver. Ele se recusa não a

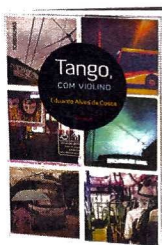
envelhecer, mas a ficar fora do mundo”. Niilista e alegre, Abeliano lembra Holden Caulfield, o anti-herói adolescente do romance *O apanhador no campo de centeio*, do americano J.D. Salinger (1919-2010). É como se Holden contasse a incrível aventura de sua velhice.

Outra analogia com Salinger é que Costa, nascido em Niterói em 1936 e criado em São Paulo, isolou-se do ambiente cultural para escrever. Fez como Salinger, que passou 45 anos confinado em sua casa de campo. Costa vive na Praia de Picinguaba, em Ubatuba, Litoral Norte de São Paulo, com a mulher, a produtora Antonieta Felmanas. ▶

Neste ponto, terminam as semelhanças com o rabugento Salinger, pois Costa é bem-humorado e conversador. Com seu ar de hippie elegante e o chapéu-panamá eternamente na cabeça, não aparenta a idade que tem. Consegue fazer piadas impiedosas sobre si mesmo, outro sinal de inteligência e vigor de espírito. “Não sou nem de direita nem de esquerda”, diz. “Sou do alto. Virei místico.” Ele costuma viajar para São Paulo a cada dois meses, para rever amigos e parentes e tratar de problemas do Projeto Anchieta, uma ONG de ajuda a comunidades carentes que fundou no bairro de Grajaú, em São Paulo. “Não me preocupei com carreira”, afirma. “Preferi estar próximo aos seres humanos e me dedicar à paixão pela vida. Casei cinco vezes, criei um filho e uma filha e me envolvi com os pobres. A vida é maior que a literatura.”

Costa não parece ser um gênio do marketing pessoal. O desleixo com a carreira fez com que acumulasse fracassos e fosse redescoberto pela crítica pelo menos três vezes. “Apareço, aí sumo”, diz. Formado em Direito em 1952, começou a carreira de escritor na década de 1960, empregado do jornal *Última Hora*, de São Paulo. Sua tarefa era fazer perfis de personalidades. Nesse período, publicou os primeiros poemas e colaborou na montagem de peças no Teatro de Arena de São Paulo, reduto da arte de protesto e célula do Partido Comunista Brasileiro (PCB). Era só o começo.

“A primeira vez que deixei de ser famoso foi aos 30 anos, por causa de uma meleca”, diz. Em 1966, ele se mudou para o Rio de Janeiro, para trabalhar numa emissora de televisão. Mesmo com o expediente puxado, encontrava tempo para escrever no terraço da pensão onde morava. Terminou ali seu primeiro romance, *Chongas*. O livro contava, com gírias e palavrões, a história da paixão de um jovem bêbado por uma garota culta. Levou o manuscrito ao escritor Fernando Sabino, dono da então famosa Editora do Autor. Sabino gostou. “Vou publicar o romance”, disse. “Mas você precisa fazer duas coisas. Primeiro, cortar a primeira parte e começar aqui, quando se inicia a ação. Outra coisa: você vai tirar a meleca. Minha fi-



TRECHO DO ROMANCE *TANGO, COM VIOLINO*

“ Ainda hoje essa mobilidade o diverte, e ele tem por hábito pegar um ônibus ao acaso, na esperança de que seu itinerário lhe revele algo inesperado. Nos últimos tempos, Abeliano tem passado boa parte de seus dias no ônibus, viajando de um lado para outro, como uma toupeira bêbada a abrir uma rede de túneis absurdos, uma espécie de terapia peripatética, em que as pernas foram substituídas por rodas, e o divã do analista por um banco volante, o que lhe possibilita adiar o mergulho no isolamento irremediável e definitivo ”

Leia
um capítulo de
Tango, com violino, de
Eduardo Alves da Costa, em
epoca.com.br

lha de 14 anos leu e gostou do livro, mas não da cena da meleca.” Costa concordou com a primeira exigência, mas se recusou a tirar a cena em que seu personagem pensa na vida enquanto modela uma bolinha com os dedos. “Então não publico!”, disse Sabino. Ao se despedir, Sabino sorriu, e os dois se abraçaram cordialmente. “A atitude de Sabino foi provinciana. Perdi a oportunidade, porque Sabino era enturmado, e quem ele publicava aparecia em toda parte. Era o tempo em que aquela história jovem e pop precisava ter sido lida.” Um ano depois, saiu aquele que é considerado o primeiro romance pop tropicalista: *Panamérica*, de José Agrippino de Paula. *Chongas* foi publicado somente em 1974, sem nenhuma repercussão. No prefácio ao livro, o lexicógrafo Antônio Houaiss afirma que o romance foi redigido com “mão de mestre” e se destacava por “uma escrita diabolicamente aliciante”. A crítica aprovou. O leitor é que não deu as caras.

Em 1985, o volume de contos *A sala do jogo* foi também saudado por seus únicos leitores, os críticos. Quase foi lançado em Nova York, em tradução para o inglês pela editora Harpers Collins. Uma série de azares jogou o livro ao esquecimento. Foi sua última obra antes do silêncio de três décadas, durante as quais nada publicou, salvo poemas. Bloqueio criativo? “Não”, diz. “Nunca parei de escrever. Foi bloqueio de sucesso.” Culpa, talvez, da fama de Maiakóvski.

Mesmo inspirado, Costa levou oito anos para concluir *Tango, com violino*. Viajou pelo mundo nesse meio-tempo. No romance, ele retoma a linguagem livre e desabusada de *Chongas*. A crítica gostou. “A história de Abeliano rompe o esquema do romance social brasileiro de hoje”, diz o crítico Luiz Braz. “É um livro divertido e vigoroso. Um elogio à fantasia.”

Costa não acredita em realismo. “Escrever não é só narrar uma boa história”, afirma. “É contá-la com poder de linguagem.” É com tal poder que Costa pretende vencer a maldição e ressuscitar mais uma vez diante do público. Se conseguir, significará a vitória do estilo sobre a banalidade, tão em moda na ficção brasileira atual. ◆